

O genocídio contra o povo palestino¹

Clóvis Moura²

Se me perguntarem, agora, qual a diferença entre um soldado da SS de Hitler e um soldado israelense eu diria: é que o SS era um genocida e o soldado israelense é um genocida.

E isto é melancólico para aquelas pessoas (em cujo número me incluo) que lutaram no passado para que os judeus tivessem uma pátria, exigindo a criação do Estado de Israel³. Não é apenas melancólico: é revoltante. Revoltante a forma criminoso como os sionistas que empolgaram o poder em Israel, aproveitando-se de um direito do povo judeu, transformam-se nos criminosos mais violentos dos nossos dias, reproduzindo, freudianamente, todos os crimes que condenaram no nazismo. Esconder mais não é possível. Diante do que está acontecendo no Líbano⁴, sentimos necessidade de um novo Tribunal de Nuremberg para julgar estes crimes praticados por Israel contra a Humanidade. O genocídio que está sendo executado contra o povo palestino atinge a todos nós; a todos aqueles que têm uma parcela de responsabilidade política pela formação de Israel. Nunca um direito foi tão desfigurado e a pretexto de exercê-lo tantos crimes foram cometidos. Hitler se estivesse vivo estaria aprendendo lições

¹ CEDEM-UNESP, *Fundo Clóvis Moura*, Caixa 42, Pasta 2; Série: artigos de jornal; Subsérie: artigos de Clóvis Moura.

² Sociólogo, jornalista, historiador e escritor brasileiro.

³ A União Soviética apoiou a criação do Estado de Israel em 1948. Àquela altura, Clóvis Moura era um jovem militante do PCB, o qual se alinhava à política externa soviética.

⁴ Quando da invasão ao Líbano, Menachen Begin ocupava o cargo de primeiro-ministro de Israel, e Ariel Sharon era ministro da defesa. Posteriormente, Sharon se tornaria primeiro-ministro (2001-2006). Ver: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cy805je6pzlo#:~:text=E%20em%20de%20junho,dos%20EUA%20ao%20pa%C3%ADs%20asi%C3%A1tico>.

de atrocidades com Menachem Begin⁵, um assassino profissional, terrorista que matou o conde Bernadotte⁶, congratulando-se com ele. É preciso que se denuncie à opinião democrática mundial o que está sendo praticado por Israel. A denúncia não é mais um direito — é um dever. A sangueira praticada por Israel não tem paralelos na História. Usando técnicas sofisticadas e proibidas por leis internacionais, como bombas de bilhas, bombas de fragmentação e gases venenosos os israelenses matam civis, mulheres, crianças, destroem hospitais impunemente. Mais de 15 mil civis já foram assassinados pelos soldados de Israel que, usando o mesmo slogan do nazismo, *Blut und Boden* (sangue e solo) vão semeando a morte por onde passam.

Enquanto isto, as superpotências ficam conivendo ou ajudando o crime. Reagan mandou tropas para garantir a evacuação da OLP do Líbano, coonestando o crime infame.

A União Soviética, por outro lado, nenhuma medida prática tomou até o momento para impedir a carnificina. Seus protestos platônicos demonstram uma posição bem diferente daquela que ela assumiu quando invadiu o Afeganistão. Mas, o acordo pela nova divisão do mundo leva a que os protestos sejam apenas para que a opinião pública mundial seja iludida. A VI frota de guerra dos Estados Unidos já se encontra no Oriente Médio para garantir os criminosos sionistas e o mundo indignado assiste ao genocídio.

Os meios de comunicação mundial, na sua maioria controlados por eles, divulgam mentiras atrás de mentiras, com a mesma técnica de Goebbels⁷. A orquestra regida pelo imperialismo, pelo grande capital internacional executa o hino de glória aos agressores, como se eles estivessem salvando a civilização...

⁵ No texto original "Menahem Beguin". Menachem Begin: <https://educacao.uol.com.br/biografias/menachem-begin.htm>.

⁶ Conde Folke Bernadotte: <https://operamundi.uol.com.br/hoje-na-historia/podcast-hoje-na-historia-1948-conde-sueco-folke-bernadotte-e-assassinado/>

⁷ No texto original "Goebles". Paul Joseph Goebbels: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51071094>

Li, faz pouco tempo, artigo de um sionista em um diário paulista no qual ele procurava explicar para os *gentios* (aqueles que não tiveram o privilégio de nascer judeus) a agressão de Israel no Líbano. Recorro ao meu velho dicionário de Caldas Aulete e lá encontro o verbete esclarecedor: “*pagão idolatra. (...) Bárbaro, selvagem, não civilizado.*”

Infiel, que não segue a religião cristã; o povo selvagem; as tribos bárbaras sem civilização”. É isto que somos para os sionistas. E, em consequência, eles se sentem no direito de iniciarem uma cruzada civilizadora para submeter os infiéis à ditadura nazista/sionista, ligada, umbilicalmente, ao capitalismo monopolista. Em decorrência disto, os judeus são os grandes prejudicados. Aliás, até hoje, nada mais fez o sionismo na sua história além de tirar proveito dos problemas da comunidade. É uma elite corrupta que muitas vezes se privilegiou à custa do seu povo. É preciso, por isto, que se mostre, também, à opinião pública, que o sionismo não representa o povo judeu, assim como o nazismo não representou o povo alemão. São, um e outro, excrescências patológicas cujas causas podem ser procuradas no sentimento de culpa do parricídio inicial, como queria Freud, mas, para nós, surgiram como decorrência da agonia de um sistema que, antes de morrer, exala miasmas muitas vezes contaminadores. O sionismo é atualmente isto: um movimento alienado, apoiado em forças poderosíssimas do capital internacional, usando a programática nazista — *Blut un Boden* — para dominar o mundo. É o patológico de um sistema patológico. A perigosa doença incurável de querer a dominação universal e que surge todas as vezes que um grande período da história entra em agonia.



Figura 1. CEDEM-UNESP, Fundo Clóvis Moura, Caixa 42, Pasta 2; Série: artigos de jornal; Subsérie: artigos de Clóvis Moura